

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ:
ALIMENTAÇÃO & FORMAÇÃO - A COMIDA COMO APRENDIZADO

PRESENTATION - DOSSIER:
NUTRITION AND EDUCATION - FOOD AS A LEARNING EXPERIENCE

Comer, saber, formar

O paradigma que aqui proponho não segue a partilha das funções; não visa a colocar de um lado os cientistas, os pesquisadores, e de outro os escritores, os ensaístas; ele sugere, pelo contrário, que a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor. [...] Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo.

(Roland Barthes, **Aula**)

Ar, água, pão. A vida humana, desde sempre, gira em torno desses termos primeiros, primordiais. Ser humano é ser, também, algo dos três; fazer-se humano exige adentrar na naturalidade (talvez, cada vez mais incerta e imprecisa) da sua triangulação. Contudo, as necessidades mais básicas podem não revelá-lo de pronto, mas mesmo entre elas há diferenças relevantes, há gradações.

Ar, em princípio, há apenas um. Ele pode, claro, variar, segundo as suas diversas qualidades: ar fresco, ar puro, ar quente, ar da manhã... Mas, por mais que exija uma atenção ecológica redobrada, e que ele não seja então sempre exatamente o ‘mesmo’, ele é não é mais que um. Temos um só ar, bom ou mau, mas um, apenas. E, ainda, ele é tão essencialmente inerente aos nossos processos vitais que, em princípio, mais uma vez, não nos vemos (re)clamando por ele, a não ser, em contextos ou situações muito particulares, simbólicas, metafóricas, dramáticas. “Me deixa respirar!”; “Vou sair e pegar um ar”; “um possível, senão eu sufoco” etc.

Há já algo diferente com a água. Para além da sua originariedade, é sempre possível pensá-la individualmente, como um tipo, entre tantos outros, mesmo que muito especial, de bebida. Mas, via de regra, essa confusão se dissipa, quando a carência (mais) verdadeira de novo se apresenta: quem tem sede,

pensa, pede, implora por *água*. Só a água mata a (sua própria) sede. Sede é sede de água... (Bom, para alguns, o café talvez deva ser colocado em um patamar bem próximo desse).

Outra coisa parece se passar em relação ao que comemos. Aliás, qual comida, que *comida* é essa? O comer, a comida é, de saída, alusória, indefinida. Mesmo o pão, inclusive o ‘pão nosso de cada dia’ é metafórico, indica tanto o prosaísmo mais básico, quanto, por outro lado, toda a singularidade, chã e alta, contida no termo: do esforço ao efeito, da carência e da incerteza ao milagre e à mística; cumpre-se aí um percurso, introduz-se um rito. De certo modo, a comida *nunca está*, não está dada, nem tampouco já (dis)posta, à mesa, aos indivíduos, ou às sociedades. Em suma, a comida, o comer é uma realização, uma construção, uma obtenção. Precisamos, sempre, do modo que ela nos exige, conquistar, encontrar, ou produzir o que comer.

Assim, mantém-se com a alimentação uma relação diversa. Ela impõe, desde si, a informação, a transmissão, a cultura. E, portanto, também, a necessária formação. Se, e quando, queremos *comer*, precisamos *saber* – isso, desde os caçadores-coletores (qual a boa raiz, o cogumelo saudável, o fruto comestível?), até a alta gastronomia moderna e contemporânea (que faz, talvez, hoje, perguntas muito mais próximas daquelas, originárias, ancestrais, do que poderíamos inicialmente supor). O ingrediente superior é, mais uma vez, frequentemente o mais próximo, assim como aquele que, muito atrás, se caçava ou coletava. As estratégias do caçador, bem como a receita do cozinheiro precedem necessariamente o momento futuro do alimentar-se.

Não por outra razão, possivelmente, a aproximação entre os planos do conhecimento e da alimentação foi percebida de maneira muito especial. O latim, por exemplo, identifica, em caráter fundamental, as duas situações. *Saber* e *sabor* tem etimologia comum, mesmo que isso não nos soe evidente. Mais do que isso, na verdade: o saber, ou a sabedoria, seria *segunda* em relação ao saborear. O termo latino utilizado para indicar a ‘sabedoria’ – *sapientia* – deriva de *sapio*, ‘saboreio’ (e assim, também, o *sapiens*, da fórmula ‘homo sapiens’. Essa comunhão maior entre ambas as experiências se produziu desde então da forma mais recorrente. Experimentar, provar, degustar, deleitar-se, são todos termos que evocam, mais ou menos explicitamente, a definição, como critério legítimo, senão incontornável, para o saber, de um elemento ou procedimento gustativo.

Enfim, configura-se um curioso léxico ligado ao paladar que, talvez, se estruture de forma mais desenvolvida na noção de ‘gosto’. A estética, o ajuizamento de gosto não poderia prescindir, e talvez fosse mesmo uma generalização inesperada, do nosso sentido do paladar. Como já se disse, isso se deveria ao fato do paladar ser, entre os sentidos, aquele que exige uma incorporação, uma internalização do objeto externo que é objeto de apreciação. O gosto só pode, justamente, ser arbitrado, quando o que provamos, com efeito, *entra* em nós. Assim, por similitude, a grande experiência estética, a obra de arte maior é

também aquela que não permanece meramente externa, mas ao contrário, afeta profundamente a nossa sensibilidade, preenche-nos por completo, viva e intensamente.

Ainda, pode ser considerado, o aspecto de uma condição mista, nesse sentido da ‘gostação’. Com efeito, o paladar exige, também, para a formação mais completa de um ‘gosto’, da intervenção do olfato. E tampouco se deveria desconsiderar o caráter prazeroso (ou desconfortável) experimentado ao se colocar um alimento na boca, devido à sua textura, temperatura etc. Ou seja, o paladar é um sentido ‘complexo’, relacional, aspectos igualmente destacados por diversas das principais teorias estéticas do gosto. O critério subjetivo do gosto envolve uma apreciação demorada, efetivamente, um saborear.

Mas, não se trata somente da estética. Também a ética, a erótica, a economia e a política, entre tantos outros, serão campos em que o tema da alimentação se mostrará, muitas vezes crucial, decisivo.

Um congresso recente, realizado este ano mesmo, na França, e intitulado, significativamente, **“Alimentar, alimentar-se. Política, ética e economia dos alimentos”**, reforçou boa parte dessas considerações:

O gesto de alimentar-se, ao mesmo tempo cotidiano e essencial, atravessa as nossas existências em todas as suas dimensões: corporais, sociais, econômicas, éticas e políticas. Alimentar é simplesmente dar de comer? É uma obrigação moral, um direito ou, ainda, um mecanismo econômico que estrutura as sociedades? E quanto ao ato de comer em si mesmo — entre necessidade vital, prazer íntimo e responsabilidade coletiva? [...] A alimentação surge, por vezes, como uma estrutura social em que o doador não é verdadeiramente o beneficiário [...], em outras, como a manifestação de uma sociedade alienante, ou ainda como o significado irredutível da relação com outrem. [...] Não se trata de uma relação entre indivíduos, mas de um ato atravessado por significações coletivas e culturais, uma manifestação da interdependência que cria comunidade.

Outros autores e autoras, no entanto, invertem tal perspectiva, em sua aparente ‘naturalidade’ coletiva ou associativa,

restituindo à alimentação um significado inter-individual e, portanto, um valor ético absoluto: o Outro, como aquele que tem fome, se me impõe, tornando a alimentação uma condição da própria humanidade. [...] De uma perspectiva marxista, contudo, a alimentação seria, antes, o sintoma de uma dominação econômica: sua necessidade biológica torna-se um instrumento de exploração, e a caridade mascara as causas da pobreza, pois se todos recebessem o valor de sua produção, ninguém precisaria ser alimentado por outros. (Université Toulouse Jean Jaurès, setembro de 2025).

As grandes sociedades de massas contemporâneas aprofundam o desafio histórico humano contido no comer, ou mesmo o redirecionam, ressignificando-o. A alimentação, e a sua precarização

contemporânea (sob diversos pontos de vista, ecológico, ético, cultural, nutricional, geopolítico, étnico-racial etc), ocupam um lugar central na reflexão social, econômica e política.

Desnecessário estendermo-nos na importância crucial das escolas e da Educação, como um meio social único, para a determinação dessa condição recente. Como um dos principais espaços sociais, desde a modernidade até hoje, a escola se mostrará decisiva para o estabelecimento de uma nova imbricação desses termos: conhecer, comer, educar (ou, se quisermos, saber, sabor, formar). Nesse sentido, a alimentação, cada vez mais, se evidencia um tema pedagógico, intrínseco ao processo formativo, sobretudo em sociedades economicamente periféricas, e profundamente desiguais, como é o caso da brasileira. Como estuda, aprende, aquele ou aquela que não come (ou se alimenta mal)?

Por outro lado, a alimentação escolar se mostra, renovadamente, uma ação plural, diversa, envolvendo, simultaneamente, inúmeros planos e processos, internos e externos ao ambiente escolar. Confluem e congregam-se para a sua implementação, por exemplo, a administração, a gestão escolar, a nutrição, as políticas públicas, os equipamentos escolares e a sua adequada manutenção, os profissionais responsáveis pela aquisição, transporte, armazenamento e preparação dos alimentos etc; a cada dia, enfim, tem-se todo um extraordinário conjunto em operação, que permite que milhões de crianças, adolescentes e jovens adultos, para ficarmos apenas no caso brasileiro, possam se alimentar, nos diferentes níveis de ensino, em instituições públicas ou privadas, por todo o país.

Diante dessa relevância evidente, decidimo-nos pela proposição de um dossiê do nosso periódico, que viesse a focar os diferentes elementos desse grande 'sistema', em funcionamento dentro do sistema educacional. Pareceu-nos essencial dedicar parte de nossas páginas para a reflexão presente sobre esse tema maior. Assim, a nossa proposta é abordar, amplamente, os diversos elementos do comer e da(s) comida(s), em sua articulação com a educação, a pedagogia, e o ambiente escolar e formativo.

Intitulado "**Alimentação & formação - a comida como aprendizado**", ele procura focar as seguintes temáticas, destacadamente:

- A escola e a segurança alimentar;
- Ter fome, saber comer: cuidado de si e dos outros, através da alimentação;
- Comida, formação e cultura - sentido cultural e formativo da comida;
- Saberes ancestrais e originários – a sua importância para a educação alimentar;
- Políticas públicas de alimentação nas escolas - os programas governamentais (brasileiros e estrangeiros), as soluções comunitárias etc;
- A alimentação como elemento de representatividade política e pedagógica;

- O comer nos diferentes níveis e ambientes de ensino;
- Os diversos profissionais envolvidos na preparação da merenda e das refeições escolares: professores/as, gestores/as, nutricionistas, merendeiros/as etc;
- Comer bem, sentir-se bem: aspectos filosóficos, psicológicos e pedagógicos da alimentação para o bem-estar e a saúde;
- Ética, ecologia e políticas da alimentação;
- Má alimentação, desnutrição e reflexos sobre o desempenho escolar;
- Socialização, desenvolvimento e amadurecimento pessoal através da alimentação;
- Psicologia da alimentação e Educação alimentar - da alegria e do prazer em comer, aos distúrbios e dificuldades alimentares;
- A alimentação escolar 'disputada': influência, apoio e controvérsias com as famílias, as redes sociais, as instâncias de poder etc.

Esperamos contribuir com o profícuo debate, ora em curso em nosso país (assim como nas Américas, no mundo...) sobre todos esses temas, desejando a todos e todas uma excelente leitura.

Leonardo Maia

Editor convidado

Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ